

# O BRASIL RETRATADO PELA IMPRENSA ESTRANGEIRA: UMA ANÁLISE DA COBERTURA DE *THE ECONOMIST* NO PERÍODO 1997-2012\*

André Gustavo de Miranda Pineli Alves\*\*  
Bruno Theodoro Luciano\*\*\*  
Rubem Kaipper Ceratti\*\*\*\*

## RESUMO

O artigo tem como objetivo analisar a cobertura jornalística sobre o Brasil feita pela imprensa estrangeira. Parte-se do pressuposto de que esta é a principal provedora de informação para indivíduos que vivem no exterior e que, por isso, exerce papel fundamental na formação da percepção sobre o país por parte destes. A análise compreende o período 1997-2012 e baseia-se nas reportagens publicadas por *The economist*.

**Palavras-chave:** Brasil; percepção internacional; opinião pública; imprensa estrangeira.

## BRAZIL PORTRAYED BY THE FOREIGN MEDIA: AN ANALYSIS OF THE *ECONOMIST*'S COVERAGE IN THE 1997-2012 PERIOD

### ABSTRACT<sup>i</sup>

This article analyzes the coverage of Brazil by foreign media, taking as true the assumption that it is the main provider of information for individuals who live abroad and therefore play a key role in shaping their perception of the country. The analysis covers the period 1997-2012 and is based on articles published by *The economist*.

**Keywords:** Brazil; international perception; public opinion; foreign media.

JEL: Z10; Z19.

Boletim de Economia e Política Internacional, 14: 83-102 [2013]

---

\* Os autores agradecem a assistência prestada por Karen Cursino Barbosa de Figueiredo durante a realização da pesquisa.

\*\* Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais (Dinte) do Ipea.

\*\*\* Mestrando em Relações Internacionais na Universidade de Brasília (UnB).

\*\*\*\* Bolsista do Subprograma de Pesquisa para o Desenvolvimento Nacional (PNPD) do Ipea.

i. *The versions in English of the abstracts of this series have not been edited by Ipea's publishing department.*

As versões em língua inglesa das sinopses desta coleção não são objeto de revisão pelo Editorial do Ipea.

## 1 INTRODUÇÃO

A imagem de um país, projetada além de suas fronteiras, deriva de uma série de eventos reais – assim como de suas representações simbólicas – que envolvem desde os processos históricos que levaram à sua formação como nação, passando por suas relações pretéritas e atuais com outros países, sua realidade econômica, política, social e cultural, até a visão de mundo dominante no cenário internacional.

Contudo, poucos são os indivíduos que podem vivenciar diretamente os eventos ocorridos em outros países. Para os demais, a principal – senão a única – fonte de informação sobre estes é a imprensa. Walter Lippmann, em seu clássico *Public opinion*, de 1922, já dizia que a mídia é a principal ligação entre “o mundo exterior e as imagens em nossas cabeças”, cabendo a ela “construir” os eventos que as pessoas não são capazes de presenciar. Logo, faz todo o sentido a afirmação de Shoemaker e Reese (1996, p. 25), de que “se assumirmos que a mídia provê a maior parte da ‘realidade’ que as pessoas conhecem além de sua própria experiência, então estudar o conteúdo da mídia certamente nos ajuda a avaliar qual é a ‘realidade’ que elas consomem”.

O objetivo deste artigo é avaliar a cobertura jornalística feita pela imprensa estrangeira sobre o Brasil. Com este intuito, analisar-se-á o conteúdo veiculado sobre o país, no período 1997-2012, por *The Economist*. Seguindo a longa tradição que remete a Lippmann (1922), partir-se-á da hipótese de que a mídia não é uma mera provedora de informação. Nesta linha, Cohen (1963, p. 13) afirma que “ela pode não ser, muitas das vezes, bem-sucedida em dizer às pessoas como pensar, mas é tremendamente bem-sucedida em dizer aos seus leitores sobre o que pensar”. Essa ideia avançou, desenvolvida por McCombs e Shaw (1972), que sugerem que a mídia desempenha a função de agendamento (*agenda-setting*), ou seja, ela seleciona a pauta oferecida ao público, podendo dar destaque a alguns temas ou eventos, relegando a um segundo plano – ou simplesmente ignorando – outros tantos. A percepção sobre a relevância de temas e eventos por parte do público, por sua vez, é influenciada pela intensidade de cobertura pela mídia (Shaw, 1979).

Para executar o objetivo proposto, o artigo está assim estruturado: após esta breve introdução, a seção 2 traz um ligeiro perfil de *The Economist*. A descrição dos dados utilizados é realizada na seção 3. Em seguida, na seção 4, apresentam-se os resultados encontrados. Finalmente, a seção 5 resume as conclusões do trabalho.

## 2 PERFIL DE *THE ECONOMIST*

Alguns motivos determinaram a escolha de *The Economist* como o veículo de mídia a ser analisado na parte empírica deste trabalho. O primeiro deles é o fato de ser uma publicação semanal, o que torna a cobertura integral de um período relativamente longo uma tarefa menos hercúlea do que seria no caso de um veículo diário. O segundo se deve ao fato de *The Economist* ser uma publicação “internacional por natureza”, que concede amplo espaço a reportagens sobre países e regiões relativamente negligenciados por outras publicações. O terceiro motivo deriva do fato de *The Economist* possuir uma linha editorial relativamente consistente ao longo do tempo, o que diminui a probabilidade de uma alteração na percepção do Brasil decorrer de mudanças nos critérios utilizados pelo observador, em vez de mudanças no próprio objeto ou na percepção sobre este. Finalmente, o quarto – e principal – motivo decorre do reconhecimento, por parte de jornalistas e veículos de mídia ao redor do mundo, de *The Economist* como uma das publicações mais influentes – senão a mais influente – do mundo atualmente.<sup>1</sup>

1. Sobre a influência de *The Economist*, ver Fallows (1991), Sullivan (1999), Pressman (2009), Bakshian Jr. (2012) e Zevin (2012).

*The economist*, que se autodenomina jornal (*newspaper*) em vez de revista (*magazine*), é publicado desde 1843. Historicamente, se autodefine como de “extremo centro” no espectro político. No aspecto econômico, se alinha, quase sempre, aos partidos de direita, como o Partido Republicano nos Estados Unidos e o Partido Conservador na Grã-Bretanha, na defesa de causas como o livre-comércio e a globalização. Porém, se distancia destes – aproximando-se de partidos mais à esquerda no espectro político anglo-saxão – em alguns temas que impactam a economia, como a migração e o combate ao aquecimento global – a favor em ambos os casos – assim como tende a ter uma postura libertária e, portanto, distante de posições conservadoras, em questões comportamentais, como o apoio à legalização das drogas e da prostituição, ao casamento entre homossexuais e ao controle sobre a venda de armas (*The Economist*, [s.d.]). Em eleições recentes, nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, *The economist* endossou tanto candidatos republicanos ou conservadores – George W. Bush e David Cameron, respectivamente – como candidatos democratas ou trabalhistas – Barack Obama e Tony Blair. Zevin (2012) chama a atenção para a tendência de alinhamento com Washington, independentemente de qual partido esteja no poder: o jornal declarou apoio às operações militares no Vietnã, no Iraque, na ex-Iugoslávia e no Afeganistão.

Um dos aspectos distintivos de *The economist*, sempre ressaltado nas análises sobre a publicação, é a ausência de assinatura nas reportagens.<sup>2</sup> Conforme o próprio *The economist*, “a principal razão para o anonimato é, contudo, a crença de que o que é escrito é mais importante do que quem o escreve”; “diversas mãos escrevem *The economist*, mas este se exprime com uma voz coletiva” (*The Economist*, [s.d.]). A ausência de assinatura concede um caráter “editorializado” ao jornal, que é reforçado pelo fato de grande parte de seus colaboradores sêniores serem oriundos das Universidades de Oxford ou de Cambridge. Além das reportagens não assinadas, *The economist* também publica editoriais (*Leaders*), que costumam ter caráter mais opinativo e são as seções mais discutidas internamente antes da publicação.

### 3 DADOS

As reportagens incluídas na análise foram retiradas da página eletrônica de *The economist*,<sup>3</sup> que contém o conteúdo completo da publicação desde a edição de 6 de março de 1997, além das matérias publicadas pelos *blogs* veiculados pela página, as quais, diferentemente daquelas da edição impressa, costumam ser assinadas.<sup>4</sup> A seleção foi feita por meio do mecanismo de busca da página, usando-se como filtro a palavra “*Brazil*”. Os textos assim selecionados passaram, então, por uma primeira leitura, para verificar sua temática. Aqueles que apenas mencionam o Brasil, sem ter o país como foco, foram desconsiderados, exceto nos casos em que o sujeito central da reportagem fosse: *i*) Área de Livre Comércio das Américas (Alca); *ii*) América do Sul; *iii*) América Latina; *iv*) Américas; *v*) BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China); *vi*) países emergentes; e *vii*) Mercado Comum do Sul (Mercosul). A adoção deste critério rendeu um total de 1.242 reportagens, das quais 767 específicas sobre o Brasil.

As reportagens foram lidas por um dos autores deste trabalho e a forma como retratam o Brasil foi classificada em uma das seguintes opções: *i*) positiva; *ii*) negativa; e *iii*) ambivalente. Foram classificadas como positivas as reportagens cujo conteúdo foi considerado como claramente conducente à formação de

2. Existem algumas exceções a esta regra, como reportagens especiais sobre algum tema ou país, normalmente longas e escritas por um único jornalista, que recebe o devido crédito, e artigos de opinião escritos por algum convidado externo à equipe do jornal.

3. Disponível em: <[www.economist.com](http://www.economist.com)>.

4. Conforme consulta realizada em 22 de abril de 2013, existiam naquela data 23 *blogs* no portal de *The economist*. O primeiro *blog* – *Free exchange* – entrou no ar em outubro de 2006.

uma percepção favorável sobre o Brasil. O oposto se aplica às reportagens consideradas negativas. Matérias que alternam pontos positivos e negativos sobre uma temática foram classificadas como ambivalentes.<sup>5</sup> No caso de reportagens não centradas no Brasil, foi objeto de classificação a percepção do jornal sobre o país enquanto membro do respectivo grupo de países, independentemente de este ser formal, como o Mercosul, ou não, como o de países emergentes.

Além da imagem do Brasil, outras variáveis analisadas foram o ano de veiculação da reportagem, a seção do jornal na qual foi publicada, o tema e o subtema. As matérias foram classificadas em três temas e dezessete subtemas – economia (*commodities* e exportações; crescimento; empresas e competitividade; endividamento; inflação; infraestrutura; investimento; mercado financeiro; política econômica); política (instituições, transparência e corrupção; política doméstica e eleições; política externa e comercial; políticas sociais); e sociedade (desigualdade social; educação, esporte, cultura e ciência e tecnologia; meio ambiente e urbanização; violência e direitos humanos).

Para averiguar a confiabilidade do processo de classificação, 5% da amostra foram selecionados, de forma aleatória, para leitura e classificação pelo outro autor do artigo. Para verificar um possível viés de classificação entre os autores do artigo, estes mesmos 5% foram lidos e classificados por um terceiro avaliador, não relacionado diretamente com a pesquisa. Os resultados foram tabulados e submetidos a análises usuais de concordância entre codificadores. São elas: coeficiente simples de concordância e as estatísticas kappa de Cohen (Cohen, 1960) e kappa ajustado pela prevalência e viés de discordância – *Prevalence Adjusted Bias Adjusted Kappa* (PABAK).

A tabela 1 indica a ocorrência de altos índices de concordância entre os codificadores. Os avaliadores 1 e 2 concordaram em 60 de 62 casos (97%), enquanto os julgamentos do primeiro e do terceiro avaliadores coincidiram 87% das vezes (54 de 62). As estatísticas kappa de Cohen e PABAK, que corrigem os índices de concordância simples conforme as parcelas destes que podem ser atribuídas ao acaso, também apresentam valores elevados. A literatura empírica considera satisfatórios kappa e PABAK entre 0,6 e 0,8, enquanto níveis acima de 0,8 são tidos como excelentes (Landis e Koch, 1977; Altman, 1991; Byrt, 1996). No caso da primeira dupla de codificadores, verificaram-se um kappa de 0,95 e um PABAK da mesma magnitude. No caso da segunda, o kappa foi calculado em 0,80, enquanto o PABAK foi de 0,81. Além disso, deve-se ressaltar que todas as reportagens consideradas positiva ou negativa pelo codificador 1 tiveram sua classificação corroborada tanto pelo segundo como pelo terceiro codificadores. As discordâncias ocorreram apenas em casos classificados como ambivalentes pelo codificador 1.

5. De um modo geral, reportagens ambivalentes tendem a pintar um quadro estruturalmente favorável (desfavorável), ressaltando retrocessos (avanços) recentes ou conjunturais.

TABELA 1

**Análise de confiabilidade da classificação das reportagens de *The economist***

		Codificador 2			
		Positiva	Ambivalente	Negativa	Total
Codificador 1	Positiva	28	0	0	<b>28</b>
	Ambivalente	1	16	1	<b>18</b>
	Negativa	0	0	16	<b>16</b>
	<b>Total</b>	<b>29</b>	<b>16</b>	<b>17</b>	<b>62</b>
Probabilidade de concordância aleatória (kappa de Cohen)			0,36		
Probabilidade de concordância aleatória (PABAK)			0,25		
Concordância observada			0,97		(60/62)
Kappa de Cohen			0,95		
PABAK			0,95		
		Codificador 3			
		Positiva	Ambivalente	Negativa	Total
Codificador 1	Positiva	28	0	0	<b>28</b>
	Ambivalente	2	10	6	<b>18</b>
	Negativa	0	0	16	<b>16</b>
	<b>Total</b>	<b>30</b>	<b>10</b>	<b>22</b>	<b>62</b>
Probabilidade de concordância aleatória (kappa de Cohen)			0,36		
Probabilidade de concordância aleatória (PABAK)			0,25		
Concordância observada			0,87		(54/62)
Kappa de Cohen			0,80		
PABAK			0,81		

Elaboração dos autores.

## 4 RESULTADOS

Ocorreu variação substancial no nível de cobertura jornalística sobre o Brasil feita por *The economist* ao longo do período 1997-2012?

Para responder à pergunta é necessário, por uma questão de homogeneidade, se fixar apenas nas reportagens publicadas na versão impressa do jornal, uma vez que o número de matérias veiculadas exclusivamente na página eletrônica apresentou tendência ascendente ao longo dos anos. Além disso, para uma melhor compreensão dos dados, foram consideradas apenas as cinco seções do jornal que mais veicularam reportagens especificamente sobre o Brasil no período analisado.

Observando-se o gráfico 1, é possível notar com alguma clareza três subperíodos com intensidades de cobertura distintas: 1998-1999; 2000-2008; e 2009-2012. No primeiro subperíodo, o número de reportagens evolui de um nível bastante baixo, em 1997, para o primeiro pico da série, ocorrido em 1999. O segundo subperíodo é caracterizado por variações interanuais muito pequenas e nível de cobertura substancialmente inferior ao do subperíodo anterior. Finalmente, no terceiro subperíodo, percebe-se uma mudança no patamar de cobertura em relação ao segundo, com o atingimento de um novo pico no último ano analisado.

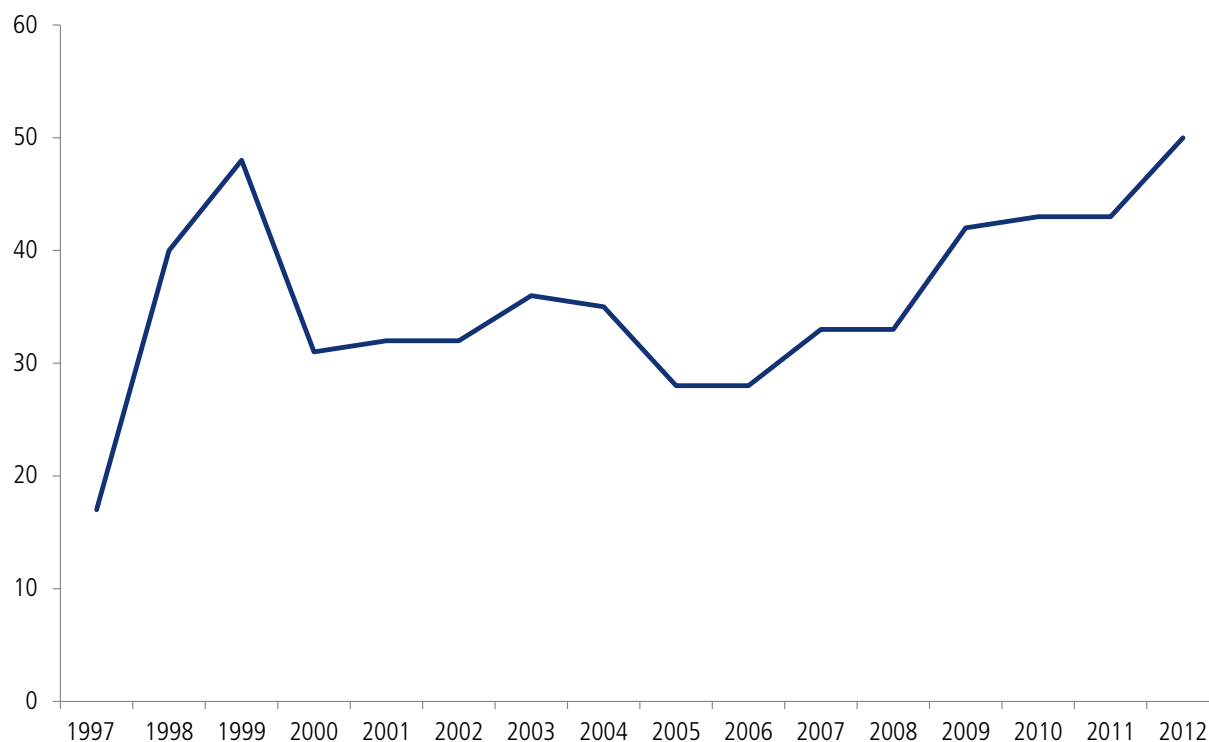
A análise das seções, feita de forma separada, revela algumas informações adicionais. A seção *Leaders*, a que mais se aproxima de um editorial, veiculou, em média, 2,1 reportagens por ano sobre o Brasil no período 1997-2012. Em geral, nos anos em que ocorreram eleições presidenciais, esse número superou a

média. Contudo, nos dois anos em que houve o maior número de matérias na seção *Leaders* não ocorreram eleições: 1999 e 2009. Em 2011 e 2012, o número de reportagens sobre o Brasil também superou a média, totalizando três por ano (tabela 2).

## GRÁFICO 1

***The economist*: reportagens publicadas sobre o Brasil (1997-2012)**

(Em unidades)



Elaboração dos autores.

Também relevantes são as reportagens especiais (*Special reports*) publicadas sobre o país. Em média, foram 2,6 por ano, com grande variância no período. Os anos com mais reportagens foram 1999, 2003, 2007 e 2009. Neste último, todas as reportagens foram veiculadas na edição de 14 de novembro, que teve a estátua do Cristo Redentor decolando na capa, sob o título *Brazil takes off*.

A seção *Finance and economics* também apresenta uma distribuição temporal bastante desigual, com as matérias sobre o Brasil concentradas em 1998, 1999 e 2012. No caso da seção *The Americas*, é possível notar uma tendência recente de aumento da exposição do Brasil – os anos de 2010 a 2012 foram os únicos do período em que houve trinta ou mais reportagens abordando o país. Finalmente, a seção *Business* é a que apresenta maior dificuldade para a identificação de um padrão, embora, a partir de 2009, seja possível verificar menor variação interanual e em patamar acima da média do período.

TABELA 2

***The economist*: reportagens publicadas sobre o Brasil – principais seções (1997-2012)**

(Em unidades)

Ano	Seção de <i>The economist</i>					Total
	<i>Business</i>	<i>Finance and economics</i>	<i>Leaders</i>	<i>Special report</i>	<i>The Americas</i>	
1997 <sup>1</sup>	4	1	1	0	11	17
1998	5	8	2	1	24	40
1999	3	9	4	7	25	48
2000	6	4	1	1	19	31
2001	2	3	0	0	27	32
2002	2	4	3	1	22	32
2003	0	1	1	8	26	36
2004	5	4	2	0	24	35
2005	3	1	1	1	22	28
2006	1	3	3	2	19	28
2007	3	2	1	8	19	33
2008	3	2	1	0	27	33
2009	4	3	4	6	25	42
2010	5	3	3	2	30	43
2011	4	1	3	3	32	43
2012	5	7	3	1	34	50
1997-2012	55	56	33	41	386	571

Elaboração dos autores.

Nota: <sup>1</sup> A partir de março.

Deve-se destacar que a estrutura da versão impressa sofreu pouca alteração durante o período analisado. Como regra geral, o jornal veicula, semanalmente, cerca de sete reportagens especiais sobre um tema específico (*Special reports*), normalmente relacionado com a capa, cinco na seção *Leaders* e de três a quatro na seção *The Americas*, que não cobre os Estados Unidos, abordados em seção à parte. Nota-se, portanto, que o Brasil disputa espaço, nas páginas do jornal, com outros países, o que é mais evidente no caso da seção *The Americas*. Nesse sentido, o aumento de cobertura nesta seção dá margem à interpretação de que o Brasil tornou-se mais relevante nos últimos anos em relação aos demais países do continente, embora não seja possível avaliar, somente por estes dados, se isso decorreu de fatores positivos ou negativos.<sup>6</sup>

Quais foram os assuntos abordados nas reportagens sobre o Brasil publicadas por *The economist* ao longo do período 1997-2012?

Para responder a esta pergunta, foram consideradas não apenas as reportagens publicadas na versão impressa – em qualquer seção – como também as veiculadas exclusivamente na página eletrônica ou nos *blogs*. Das 767 reportagens publicadas no período analisado, 298 (39%) referem-se a temas preponderantemente econômicos, 293 (38%) a temas majoritariamente políticos e 176 (23%) a outros assuntos, que foram agrupados sob o rótulo “sociedade”.

6. Uma das poucas alterações que ocorreram na estrutura do jornal foi o desdobramento da seção sobre a Ásia, em 2012, com a criação de uma divisão exclusiva para a China, o que dá uma dimensão da mudança do grau de relevância atribuída ao país.

Percebe-se, pela tabela 3, que, em alguns anos – 1998, 1999, 2000, 2009 e 2012 –, o tema economia foi abordado de forma significativamente mais frequente do que na média do período. No caso do tema política, sobressaem-se os anos de 2001 a 2004 e 2010. O tema sociedade, por seu turno, teve mais espaço nos anos de 2000, 2005, 2006 e 2011.

TABELA 3

***The economist*: reportagens publicadas sobre o Brasil – por tema (1997-2012)**

(Em unidades e em % do total do ano)

Ano	Tema						Total
	Economia	(%)	Política	(%)	Sociedade	(%)	
1997 <sup>1</sup>	10	42	8	33	6	25	24
1998	22	48	17	37	7	15	46
1999	29	53	17	31	9	16	55
2000	17	46	9	24	11	30	37
2001	9	24	20	54	8	22	37
2002	14	32	24	55	6	14	44
2003	11	24	22	49	12	27	45
2004	11	28	19	48	10	25	40
2005	10	29	15	43	10	29	35
2006	10	24	18	44	13	32	41
2007	19	43	15	34	10	23	44
2008	19	42	15	33	11	24	45
2009	28	49	16	28	13	23	57
2010	26	32	41	50	15	18	82
2011	31	44	17	24	23	32	71
2012	32	50	20	31	12	19	64
1997-2012	298	39	293	38	176	23	767

Elaboração dos autores.

Nota: <sup>1</sup> A partir de março.

Desagregando-se um pouco mais os dados, chama a atenção o destaque recebido por alguns subtemas em alguns anos: *commodities* e exportações, em 1999; crescimento, em 2009 e 2012; empresas e competitividade, entre 2010 e 2012; infraestrutura, a partir de 2007; política econômica, em 1999, 2003, 2005 e a partir de 2009; desigualdade social, em 1999 e 2000; educação, esporte, cultura e ciência e tecnologia (C&T), em 2011; instituições, transparência e corrupção, em 1999, 2001, 2005, 2007 e 2012; meio ambiente e urbanização, entre 2004 e 2006, 2009 e 2011; política doméstica e eleições, em 1998, 2002, 2003, 2006 e 2010 (todos os anos de eleição presidencial, exceto 2003); política externa e comercial, em 2010 e 2012; políticas sociais, em 2003; e violência e direitos humanos, em 2003 e 2010 (tabela 4).

Qual a imagem do Brasil retratada por *The economist* ao longo do período 1997-2012?

As 767 reportagens que abordam o Brasil apresentam uma distribuição bastante homogênea entre aquelas que reforçam uma imagem positiva, negativa ou que apresentam contornos ambivalentes. Todavia, parece haver uma tendência de aumento na fração de reportagens de teor positivo ao longo dos anos. Isto tem ocorrido à custa, principalmente, da redução da parcela de matérias ambivalentes, que atingiram seus níveis mais baixos



entre 2008 e 2012, à exceção do salto dado em 2010. Já as reportagens negativas apresentam uma evolução menos nítida, marcadas por quedas seguidas por sobressaltos, conforme é mostrado na tabela 5.<sup>7</sup>

TABELA 4

***The Economist*: reportagens publicadas sobre o Brasil – por subtema (1997-2012)**

(Em unidades)

Ano	Subtemas								
	Commodities e exportações	Crescimento	Empresas e competitividade	Endividamento	Inflação	Infraestrutura	Investimento	Mercado financeiro	Política econômica
1997 <sup>1</sup>	2	0	2	0	1	0	2	1	2
1998	3	4	6	0	0	0	1	5	3
1999	8	0	1	0	2	2	1	4	11
2000	4	0	4	0	1	0	5	2	1
2001	1	2	1	0	0	1	0	1	3
2002	0	0	2	1	0	2	2	5	2
2003	1	0	1	1	0	1	0	1	6
2004	1	0	3	0	0	1	2	1	3
2005	1	0	1	1	0	0	0	1	6
2006	2	0	3	0	0	1	1	2	1
2007	4	1	1	0	1	7	0	3	2
2008	2	2	2	0	1	6	2	3	1
2009	1	5	2	0	0	6	3	4	7
2010	3	1	7	0	0	4	2	3	6
2011	0	4	7	1	1	7	3	0	8
2012	2	5	9	0	0	5	2	3	6
1997-2012	35	24	52	4	7	43	26	39	68

Ano	Subtemas								
	Desigualdade social	Educação, esporte, cultura e tecnologia	Instituições, transparência e corrupção	Meio ambiente e urbanização	Política doméstica e eleições	Política externa e comercial	Políticas sociais	Violência e direitos humanos	Total geral
1997 <sup>1</sup>	1	4	4	0	4	0	0	1	24
1998	1	2	1	4	16	0	0	0	46
1999	6	2	9	1	5	0	3	0	55
2000	5	3	3	1	5	1	0	2	37
2001	0	2	6	3	8	4	2	3	37
2002	0	3	0	1	22	2	0	2	44
2003	1	4	3	1	14	1	4	6	45
2004	2	0	4	6	10	5	0	2	40
2005	1	2	6	5	5	2	2	2	35
2006	0	3	1	6	12	4	1	4	41
2007	2	3	7	1	7	0	1	4	44
2008	1	3	3	4	6	3	3	3	45
2009	0	5	3	6	8	4	1	2	57
2010	2	4	3	2	29	8	1	7	82
2011	3	11	4	7	9	2	2	2	71
2012	2	6	7	1	7	6	0	3	64
1997-2012	27	57	64	49	167	42	20	43	767

Elaboração dos autores.

Nota: <sup>1</sup> A partir de março.

7. Ajustando-se uma linha de tendência aos dados da tabela 5, tem-se a seguinte equação: imagem positiva = 23,56% + 1,26% (ano), com  $R^2 = 0,55$ . Nos casos das imagens negativa e ambivalente, embora tenham apresentado inclinação negativa, as linhas de tendência se ajustaram muito precariamente aos dados.

TABELA 5

***The economist*: reportagens publicadas sobre o Brasil – por imagem atribuída (1997-2012)**

(Em unidades e em % do total do ano)

Ano	Imagem do Brasil						Total geral
	Positiva	(%)	Ambivalente	(%)	Negativa	(%)	
1997 <sup>1</sup>	5	21	7	29	12	50	24
1998	17	37	15	33	14	30	46
1999	11	20	20	36	24	44	55
2000	10	27	16	43	11	30	37
2001	12	32	16	43	9	24	37
2002	12	27	15	34	17	39	44
2003	14	31	21	47	10	22	45
2004	16	40	14	35	10	25	40
2005	12	34	8	23	15	43	35
2006	13	32	14	34	14	34	41
2007	16	36	13	30	15	34	44
2008	20	44	10	22	15	33	45
2009	27	47	11	19	19	33	57
2010	27	33	38	46	17	21	82
2011	31	44	17	24	23	32	71
2012	27	42	13	20	24	38	64
<b>Total geral</b>	<b>270</b>	<b>35</b>	<b>248</b>	<b>32</b>	<b>249</b>	<b>32</b>	<b>767</b>

Elaboração dos autores.

Nota: <sup>1</sup> A partir de março.

Existe alguma diferença na imagem do Brasil retratada por *The economist* quando o país é reportado com outros países?

Nas páginas de *The economist*, o Brasil é mencionado não apenas nas reportagens focadas exclusivamente no país como também em centenas de outras. Com o objetivo de aferir se o Brasil recebe tratamento similar quando é motivo de reportagens exclusivas e quando é abordado como parte de um grupo de países, a amostra de 767 matérias consideradas inicialmente foi expandida, com a inclusão de outras 475, cujos temas centrais se encaixam em algum dos seguintes: *i*) Alca; *ii*) América do Sul; *iii*) América Latina; *iv*) Américas; *v*) BRIC; *vi*) países emergentes; e *vii*) Mercosul.<sup>8</sup> A seleção destes grupos, embora arbitrária, guarda um certo grau de obviedade: América do Sul, América Latina e Américas são recortes ou parte integral do continente no qual o país está inserido; Mercosul é a união aduaneira da qual o Brasil faz parte; Alca é a área de livre comércio continental cuja criação foi negociada desde meados dos anos 1990 até meados da década seguinte; países emergentes é a nomenclatura dada ao conjunto de economias em desenvolvimento ou em transição que se destacaram, a partir dos anos 1990, principalmente do ponto de vista da capacidade de atração de capital

8. As reportagens que citam o Brasil – e que, por isso, foram capturadas pelo mecanismo de busca da página eletrônica –, mas que não focam em nenhum destes grupos, foram desconsideradas da análise.

estrangeiro; finalmente, BRIC é o grupo de grandes países emergentes – formado por Brasil, Rússia, Índia e China – cujo acrônimo foi sugerido em 2001 por um banco de investimentos e que, a partir da segunda metade dos anos 2000, foi se consolidando como um arranjo político de maior consistência.<sup>9</sup> A tabela 6 apresenta as reportagens que mencionam o Brasil, mas têm seu foco em algum destes grupos, publicadas entre 1997 e 2012 por *The economist*.<sup>10</sup>

TABELA 6

***The economist*: reportagens que mencionam o Brasil – por grupo de atores analisados (1997-2012)**  
(Em unidades)

Ano	Alca	América do Sul	América Latina	Américas	BRICS	Emergentes	Mercosul	Total
1997 <sup>1</sup>	2	0	18	0	0	2	8	30
1998	1	1	13	0	0	8	1	24
1999	0	1	4	0	0	5	6	16
2000	0	4	6	0	0	12	5	27
2001	5	6	16	1	0	19	4	51
2002	2	9	21	0	0	17	3	52
2003	3	4	8	0	1	12	1	29
2004	0	2	7	0	0	11	5	25
2005	0	2	6	0	0	6	1	15
2006	0	7	8	0	2	9	2	28
2007	0	3	16	3	1	5	1	29
2008	0	5	15	1	3	19	0	43
2009	0	3	10	1	4	6	0	24
2010	0	2	15	0	5	2	0	24
2011	0	3	17	0	7	8	0	35
2012	0	3	7	1	3	7	2	23
1997-2012	13	55	187	7	26	148	39	475

Elaboração dos autores.

Nota: <sup>1</sup> A partir de março.

Para avaliar o efeito que o fato de ser abordado isoladamente ou como parte de um grupo exerce sobre a imagem tecida sobre o Brasil, procedeu-se a uma análise econométrica empregando o método de regressão logística multinomial. Além da variável “atores”, a análise considerou o ano da reportagem, o tema, o subtema e a seção em que foi publicada.

Considerando-se as categorias  $c = 1, 2, 3$  – imagem positiva, negativa e ambivalente, respectivamente –, pode-se assim descrever o modelo proposto:

- Probabilidade esperada de imagem positiva:

$$P_{ijklm} = \frac{\exp(\eta_{ijklm})}{1 + \sum_{c=1}^2 \exp(\eta_{cijkm})}$$

9. A África do Sul foi incluída no grupamento BRIC em 2011, quando este passou a ser conhecido como BRICS.

10. Obviamente, reportagens sobre os BRICS só passaram a ser publicadas a partir da criação do termo, enquanto matérias sobre a Alca desapareceram após o fracasso de suas negociações em 2003.

- Probabilidade esperada de imagem negativa:

$$p_{2ijklm} = \frac{\exp(\eta_{2ijklm})}{1 + \sum_{c=1}^2 \exp(\eta_{cijklm})}$$

- Probabilidade esperada de imagem ambivalente:

$$p_{3ijklm} = 1 - p_{1ijklm} - p_{2ijklm}$$

em que para  $c = 1, 2$  tem-se um preditor linear  $\eta_{cijklm}$  tal que

$$\eta_{cijklm} = \mu_c + \alpha_{ci} + \beta_{cj} + \gamma_{ck} + \delta_{cl} + \zeta_{cm} + (\delta\zeta)_{clm}$$

no qual estão contidos:

$\mu_c$ : intercepto na categoria  $c$ ;

$\alpha_{ci}$ : efeito do grupo (atores)  $i$  na categoria  $c$ ;

$\beta_{cj}$ : efeito da seção  $j$  na categoria  $c$ ;

$\gamma_{ck}$ : efeito do subtema  $k$  na categoria  $c$ ;

$\delta_{cl}$ : efeito do ano  $l$  na categoria  $c$ ;

$\zeta_{cm}$ : efeito do tema  $m$  na categoria  $c$ ; e

$(\delta\zeta)_{clm}$ : efeito de interação entre ano  $l$  e tema  $m$  na categoria  $c$ .

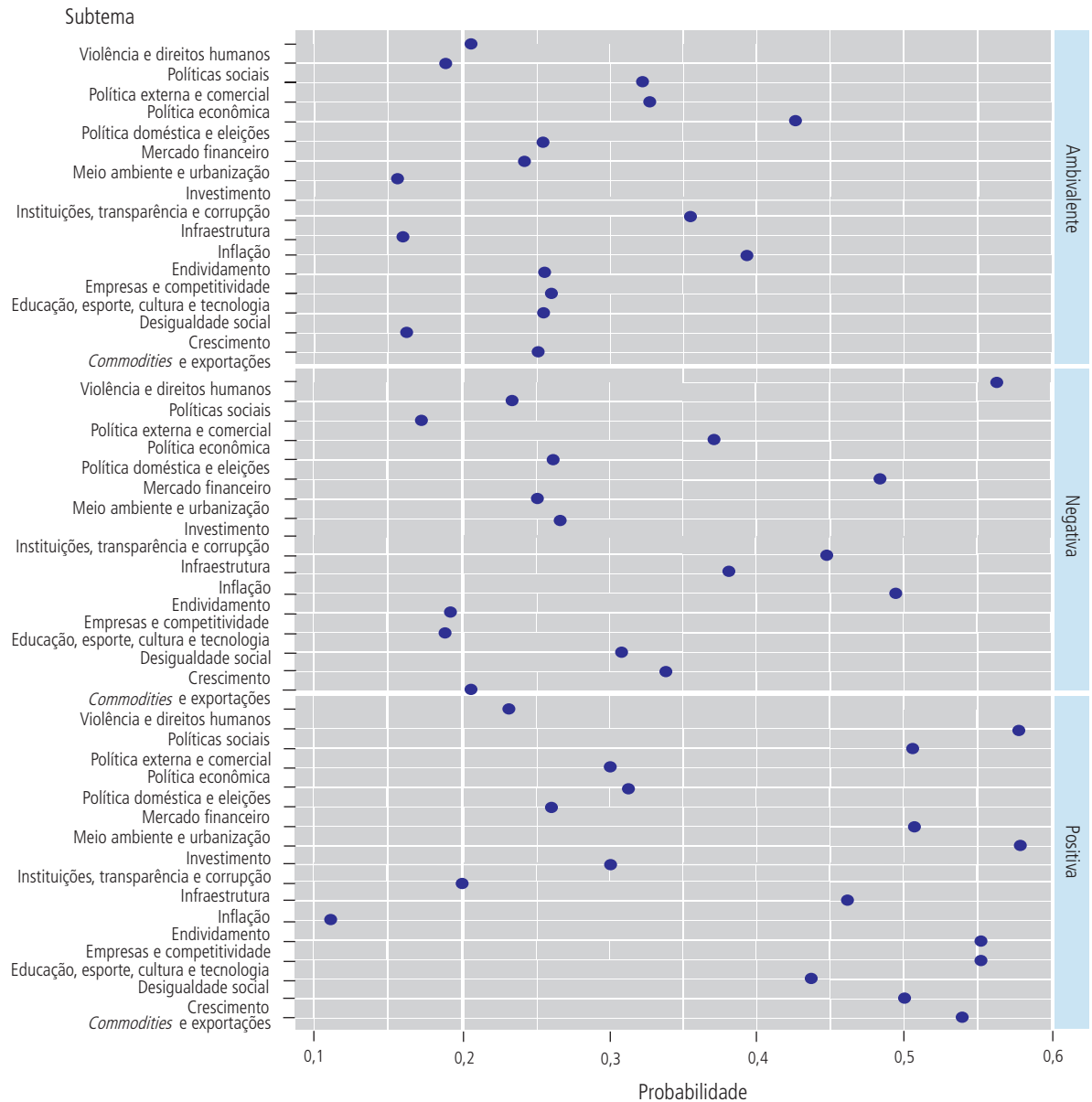
A seguir são mostrados, em forma de gráficos (2 a 5), os efeitos marginais estimados das variáveis explanatórias sobre a variável dependente – os resultados do modelo estimado estão apresentados na tabela A.1 do apêndice A.

Notam-se, primeiramente, diferenças acentuadas no efeito do subtema sobre a imagem do Brasil retratada pelo jornal. Os subtemas *commodities* e exportações; crescimento; empresas e competitividade; educação, esporte, cultura e C&T; investimento; meio ambiente e urbanização; política externa e comercial; e políticas sociais têm alta probabilidade de serem retratados de forma positiva pelo jornal – acima de 50%, já considerados os efeitos das demais variáveis. Por sua vez, os subtemas endividamento; infraestrutura; instituições, transparência e corrupção; mercado financeiro; e violência e direitos humanos têm elevada chance de serem vistos de forma negativa – acima de 40%. E, por seu turno, o subtema política doméstica e eleições possui maior propensão a render abordagens ambivalentes – mais de 40% de chance.

O termo de interação, incluído nas equações, permite verificar a evolução da relação entre as variáveis tema e imagem do Brasil ao longo do período em análise. No caso do tema economia, nota-se, entre 1997 e 2002, baixa probabilidade de imagens positivas, com predominância de imagens ambivalentes (1997 e 2000) ou negativas (2001-2002). A partir de 2003, há um aumento substancial na cobertura positiva, que se mantém predominante até 2010. Em 2011-2012, a cobertura positiva cede lugar, em grande parte, à cobertura negativa.

GRÁFICO 2

Efeitos marginais da variável *subtema*



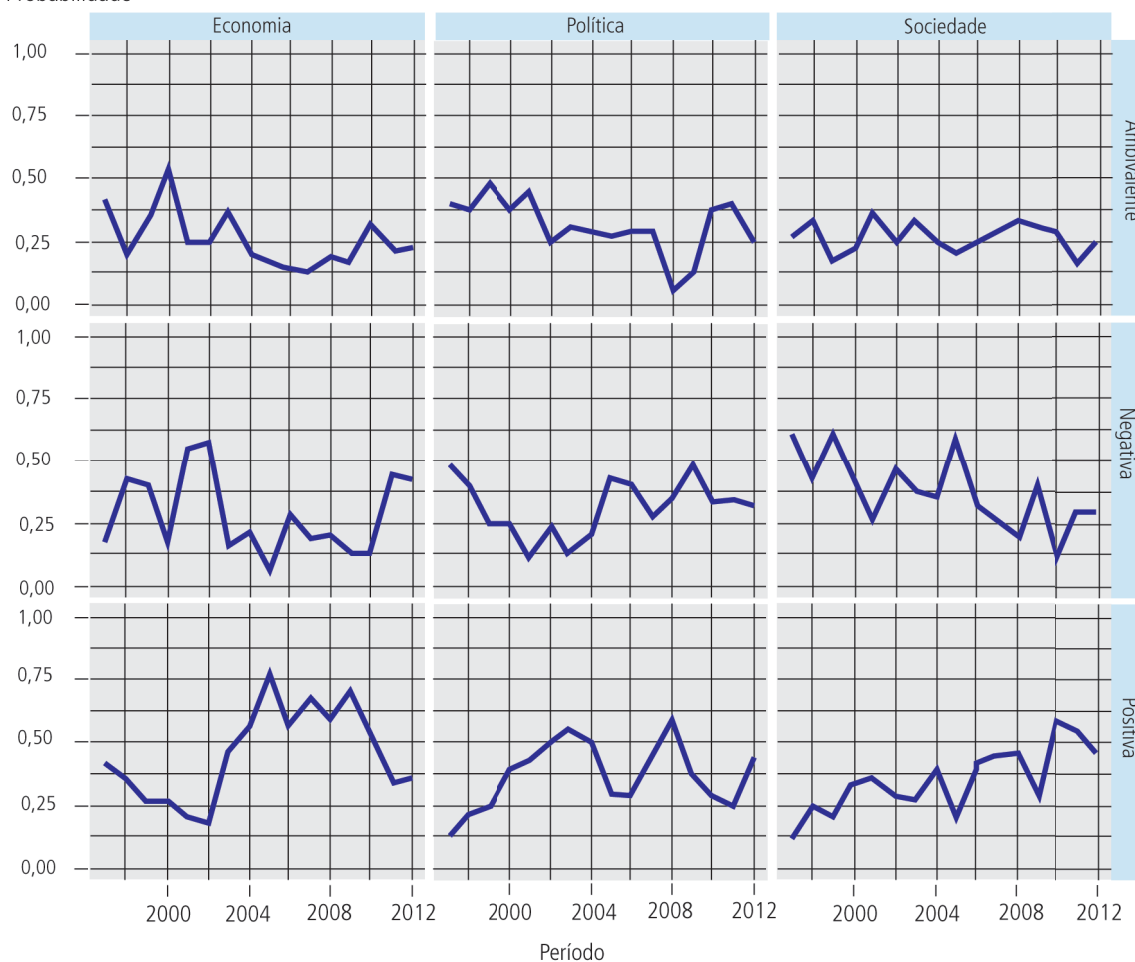
Elaboração dos autores.

No tema política, percebe-se uma grande – e contínua – elevação na cobertura positiva do Brasil entre 1997 e 2003. Em 2005-2006, há um aumento na cobertura negativa, que supera significativamente a positiva em termos de probabilidade. Em 2007-2008, a cobertura positiva volta a aumentar, porém cai fortemente em 2009-2011, quando seu espaço foi ocupado, principalmente, por reportagens de teor ambivalente. Em 2012, contudo, estas diminuem e a cobertura positiva volta a se elevar.

GRÁFICO 3

Efeitos marginais da interação entre as variáveis *ano* e *tema*

Probabilidade

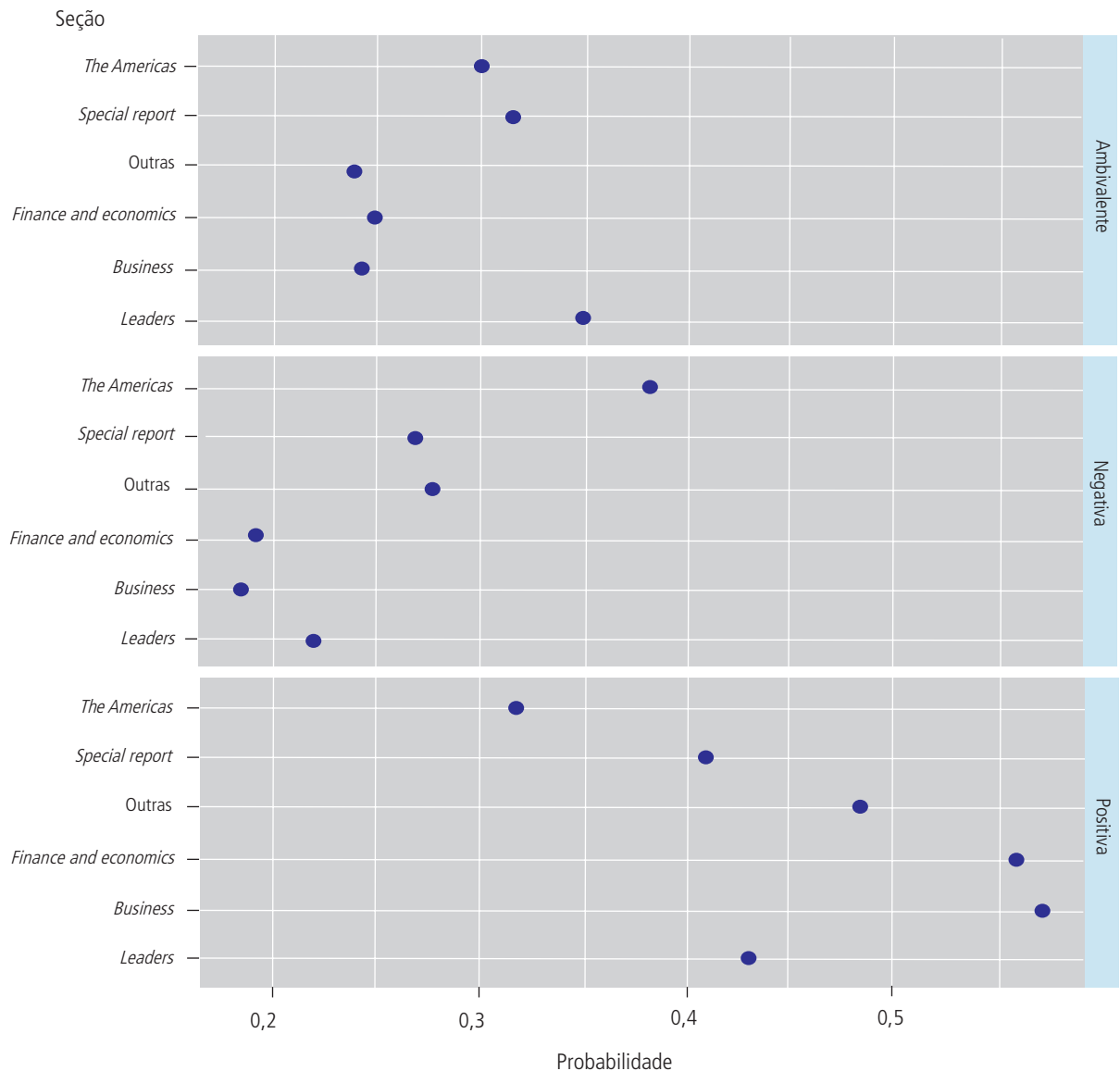


Elaboração dos autores.

Em relação ao tema sociedade, nota-se uma tendência clara de aumento da cobertura positiva ao longo de todo o período, apesar de ocorrerem variações interanuais substanciais. Esta é acompanhada por diminuição na cobertura negativa, uma vez que as reportagens de teor ambivalente têm mantido uma participação relativamente estável ao longo do tempo.

A seção em que é publicada a reportagem também interfere na imagem do Brasil que o jornal transmite aos seus leitores. Como pode-se ver no gráfico 4, as seções *Business* e *Finance and economics* costumam retratar o país de forma muito mais favorável do que as seções *Leaders*, *Special report* e *The Americas* – reportagens publicadas naquelas possuem mais de 55% de chance de instigar uma percepção favorável do país. A seção *Leaders* – como já era esperado, por se tratar do editorial do jornal – é a mais propensa a retratar o país de forma ambivalente – mais de um terço de chance. A única seção que apresenta uma propensão de retratar o Brasil de forma mais negativa do que positiva é *The Americas*. As matérias veiculadas por “outras seções” – que incluem principalmente as publicadas pelos *blogs* – possuem quase 50% de chance de retratar o Brasil de forma positiva, nível inferior apenas ao das seções *Business* e *Finance and economics*.

GRÁFICO 4  
**Efeitos marginais da variável seção**

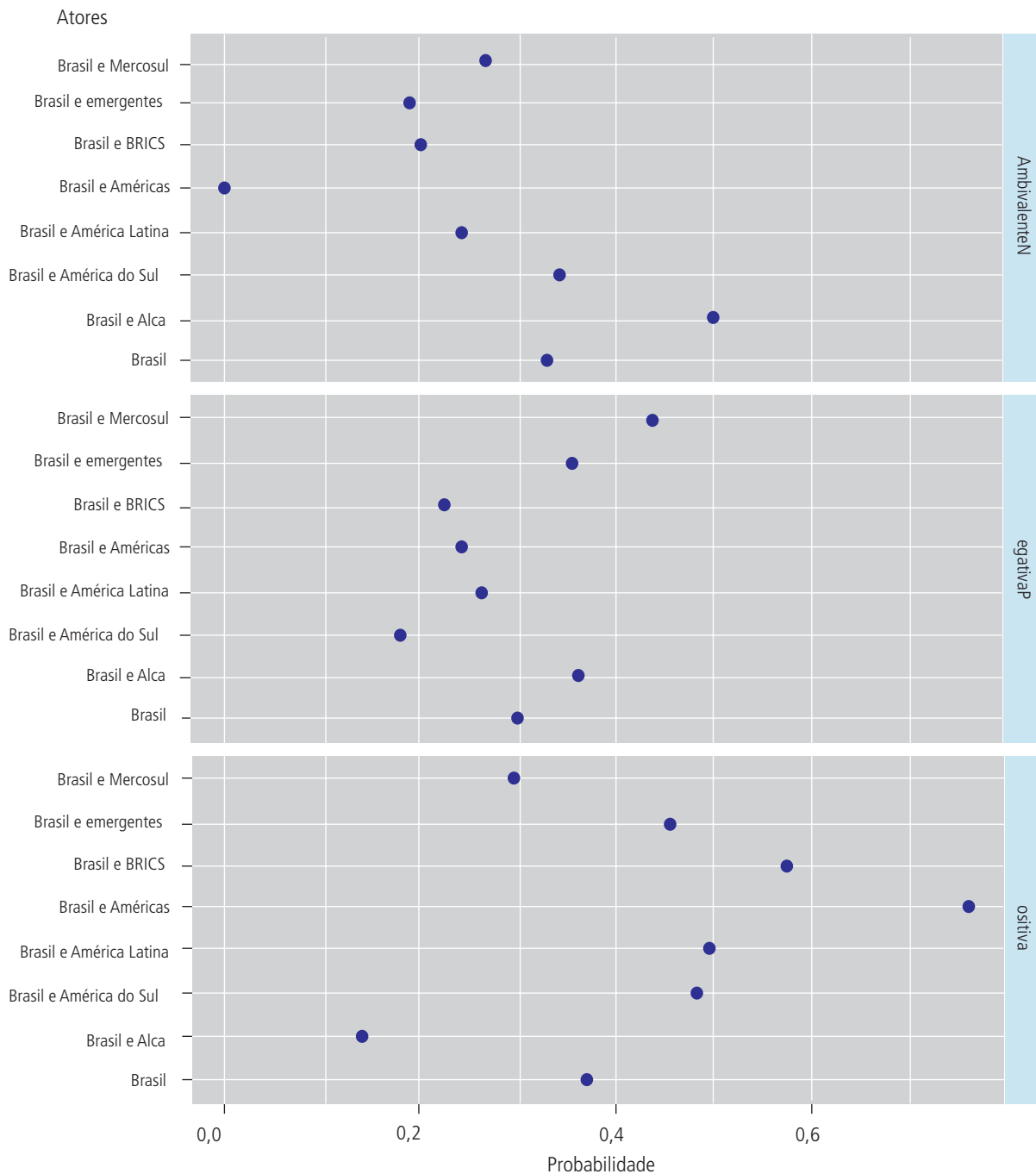


Elaboração dos autores.

Finalmente, o exame dos efeitos marginais da variável “atores” revela diferenças bastante pronunciadas entre as imagens do Brasil sugeridas por reportagens focadas exclusivamente no país e por aquelas nas quais este aparece apenas como membro de algum grupo. No primeiro caso, a chance de a imagem ser positiva é menor – exceto quando o grupo é Alca ou Mercosul – enquanto a de ser ambivalente é maior – exceto quando o grupo é Alca ou América do Sul. Matérias sobre o Mercosul são aquelas que possuem maior chance de retratar o Brasil de forma negativa. Já reportagens sobre os BRICS, a América do Sul e a América Latina possuem grande probabilidade de tecer imagem positiva do Brasil. No caso das matérias sobre países emergentes, as chances de serem favoráveis ou desfavoráveis ao Brasil são bastante próximas – na realidade, um pouco mais elevada para aquelas. Em relação ao continente americano, nota-se um resultado interessante: no caso das matérias sobre a Alca, a chance de abordagem favorável é bastante baixa, sendo a ambivalente a mais provável;

porém, quando se trata de reportagens sobre as Américas, a probabilidade de retratarem o Brasil de forma positiva é bastante elevada.

GRÁFICO 5

**Efeitos marginais da variável *atores***

Elaboração dos autores.



## 5 CONCLUSÕES E POSSÍVEIS EXTENSÕES DO ESTUDO

Este trabalho teve como objetivo avaliar a cobertura jornalística feita pela imprensa estrangeira sobre o Brasil. Para isso, analisou-se o conteúdo sobre o país publicado por *The Economist* no período 1997-2012. Os resultados encontrados permitem tirar as conclusões listadas a seguir, ainda que estas se limitem à amostra estudada – ou seja, não é possível fazer inferências sobre reportagens futuras com base nelas.

- 1) O nível de cobertura jornalística sobre o Brasil variou ao longo do tempo, com dois subperíodos nitidamente se destacando em número de reportagens: 1998-1999 e 2009-2012.
- 2) O Brasil parece ter ganhado espaço em relação aos demais países do continente, como sugerido pela maior frequência de reportagens sobre o país na seção *The Americas* em anos recentes.
- 3) A relevância atribuída ao Brasil também parece ter aumentado a partir de 2009, uma vez que o país passou a motivar mais reportagens na seção *Leaders*, a mais destacada da publicação.
- 4) A distribuição das reportagens quanto à imagem atribuída ao Brasil é bastante homogênea entre as categorias positiva, negativa e ambivalente, considerando-se todo o período analisado. Contudo, percebe-se o aumento da frequência de matérias de teor positivo a partir de 2008, à custa, principalmente, da diminuição das ambivalentes.
- 5) A distribuição das reportagens por tema varia significativamente de ano para ano. Reportagens sobre temas econômicos são mais frequentes em anos em que predominam imagens negativas ou ambivalentes sobre o tema – 1998-2000 e 2012 (a única exceção é 2009) –, o que reforça a velha máxima de que “notícia boa não vende jornal”.
- 6) Alguns subtemas parecem mais propensos a render imagens positivas – *commodities* e exportações; crescimento; empresas e competitividade; educação, esporte, cultura e C&T; inflação; investimento; meio ambiente e urbanização; política externa e comercial; e políticas sociais. Já outros parecem ter elevada chance de serem retratados de forma negativa – endividamento; infraestrutura; instituições, transparência e corrupção; mercado financeiro; e violência e direitos humanos – ou ambivalente – política doméstica e eleições.
- 7) É possível identificar uma tendência de aumento, ao longo do tempo, no grau de cobertura positiva do tema sociedade, que foi acompanhado de redução na cobertura negativa.
- 8) No caso do tema economia, a cobertura foi bastante positiva entre 2003 e 2010, mas foi preponderantemente negativa ou ambivalente nos subperíodos 1997-2002 e 2011-2012.
- 9) No caso do tema política, houve uma evolução bastante favorável na cobertura até 2004, seguida por um aumento na cobertura negativa em 2005-2006, nova melhoria no biênio seguinte, forte queda nas avaliações positivas em 2009-2011 e, finalmente, novo aumento na cobertura positiva em 2012.
- 10) É possível identificar diferenças expressivas nos “níveis de otimismo” entre as principais seções de *The Economist*. As reportagens publicadas nas seções *Business* e *Finance and economics* tendem a ser mais favoráveis à imagem do Brasil do que aquelas publicadas em *Leaders*, *Special report* e *The Americas*. A seção *Leaders* é a mais propensa a veicular conteúdo ambivalente sobre o Brasil, enquanto *The Americas* é a única, entre as principais seções, mais inclinada a publicar reportagens negativas do que positivas.

- 11) O Brasil tende a ser retratado mais favoravelmente quando é mencionado em reportagens sobre algum grupo de países do que quando é abordado de forma isolada. A imagem do Brasil é mais positiva em reportagens sobre os BRICS, a América do Sul ou a América Latina do que naquelas sobre o Mercosul. Quando o assunto são os países emergentes, as chances de o Brasil ser retratado de forma positiva ou negativa são bastante próximas (embora aquela seja um pouco maior).

Possíveis extensões deste trabalho, utilizando a mesma amostra de reportagens, incluem a análise detalhada do enquadramento (*framing*) de temas e eventos, assim como a análise do discurso de *The economist* sobre alguns temas específicos.

## REFERÊNCIAS

- ALTMAN, D. **Practical statistics for medical research**. London: Chapman & Hall, 1991.
- BAKSHIAN JR, A. Voice of the new global elite. **The national interest**, Sep./Oct. 2012.
- BYRT, T. How good is that agreement? **Epidemiology**, v. 7, n. 5, p. 561, 1996.
- COHEN, B. **The press and foreign policy**. Princeton: Princeton University Press, 1963.
- COHEN, J. A coefficient of agreement for nominal scales. **Education and psychological measurement**, v. 20, p. 37-46, 1960.
- FALLOWS, J. The economics of the colonial cringe: pseudonomics and the sneer on the face of *The economist*. **The Washington post**, 6 Oct. 1991.
- LANDIS, J.; KOCH, G. The measurement of observer agreement for categorical data. **Biometrics**, v. 33, n. 1, p. 159-174, 1977.
- LIPPMANN, W. **Public opinion**. New York: Harcourt, Brace, 1922.
- McCOMBS, M.; SHAW, D. The agenda-setting function of mass media. **The public opinion quarterly**, v. 36, n. 2, p. 176-187, 1972.
- PRESSMAN, M. Why *Time* and *Newsweek* will never be *The economist*. **Vanity fair**, 20 Apr. 2009. Disponível em: <<http://www.vanityfair.com/online/daily/2009/04/when-will-magazines-stop-trying-to-copy-the-economist>>.
- SHAW, E. Agenda-setting and mass communication theory. **International communication gazette**, v. 25, n. 2, p. 96-105, 1979.
- SHOEMAKER, P.; REESE, S. **Mediating the message**: theories of influences on mass media content. White Plains: Longman, 1996.
- SULLIVAN, A. London fog: why Americans go soft in the head for *The economist*. **The new republic**, 14 June 1999.
- THE ECONOMIST. **About us**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.economist.com/help/about-us>>.
- ZEVIN, A. *The economist*, o jornal mais influente do mundo. **Le monde diplomatique Brasil**, n. 61, ago. 2012.

## APÊNDICE A

TABELA A.1

### Estimativa dos parâmetros do modelo logístico multinomial

	Coefficientes	Negativa	Positiva
	Intercepto	-1.91 (0.93)	-0.05 (0.70)
Atores	Alca	-0.23 (0.90)	-1.39 (0.86)
Atores	América do Sul	-0.55 (0.43)	0.23 (0.39)
Atores	América Latina	0.19 (0.26)	0.61 (0.24)
Atores	Américas	9.21 (82.01)	10.15 (82.01)
Atores	BRICs	0.20 (0.78)	0.94 (0.63)
Atores	Países emergentes	0.73 (0.34)	0.76 (0.31)
Atores	Mercosul	0.59 (0.53)	-0.01 (0.49)
Seção	<i>Business</i>	0.19 (0.60)	0.65 (0.50)
Seção	<i>Finance and economics</i>	0.21 (0.51)	0.61 (0.46)
Seção	Outras	0.61 (0.40)	0.50 (0.36)
Seção	<i>Special report</i>	0.28 (0.48)	0.03 (0.43)
Seção	<i>The Americas</i>	0.71 (0.38)	-0.15 (0.34)
Subtema	Crescimento	0.94 (0.65)	0.36 (0.56)
Subtema	Desigualdade social	0.39 (0.46)	-0.23 (0.48)
Subtema	Educação, esporte, cultura e C&T	-0.11 (0.37)	0.00 (0.38)
Subtema	Empresas e competitividade	-0.08 (0.67)	0.01 (0.53)
Subtema	Endividamento	0.44 (0.85)	-2.01 (0.95)
Subtema	Inflação	1.07 (0.88)	0.30 (0.82)
Subtema	Infraestrutura	0.43 (0.62)	-1.34 (0.56)
Subtema	Instituições, transparência e corrupção	1.41 (0.34)	-0.12 (0.36)
Subtema	Investimento	0.74 (0.74)	0.55 (0.62)
Subtema	Meio ambiente e urbanização	0.24 (0.44)	-0.02 (0.45)
Subtema	Mercado financeiro	0.84 (0.64)	-0.74 (0.57)
Subtema	Política doméstica e eleições	-0.28 (0.30)	-1.07 (0.30)
Subtema	Política econômica	0.33 (0.56)	-0.84 (0.49)
Subtema	Política externa e comercial	-0.42 (0.34)	-0.31 (0.31)
Subtema	Políticas sociais	0.42 (0.50)	0.36 (0.45)
Subtema	Violência e direitos humanos	1.21 (0.43)	-0.64 (0.49)
Período	1998	1.68 (0.87)	0.58 (0.69)
Período	1999	1.18 (0.82)	-0.17 (0.67)
Período	2000	-0.18 (0.9)	-0.67 (0.64)
Período	2001	1.77 (0.87)	-0.17 (0.76)
Período	2002	1.81 (0.83)	-0.29 (0.71)
Período	2003	0.03 (0.95)	0.26 (0.75)
Período	2004	0.96 (1.00)	1.00 (0.78)

(Continua)

(Continuação)

Coeficientes		Negativa	Positiva
Período	2005	-0.01 (1.16)	1.55 (0.82)
Período	2006	1.61 (1.00)	1.38 (0.83)
Período	2007	1.27 (0.98)	1.64 (0.78)
Período	2008	1.00 (0.85)	1.14 (0.65)
Período	2009	0.55 (0.93)	1.43 (0.68)
Período	2010	-0.01 (0.92)	0.55 (0.62)
Período	2011	1.66 (0.82)	0.46 (0.67)
Período	2012	1.57 (0.83)	0.47 (0.65)
Tema	Política	1.13 (0.80)	-1.13 (0.82)
Tema	Sociedade	1.73 (0.99)	-0.88 (1.11)
Período:Tema	1998:Política	-1.80 (1.13)	0.00 (1.33)
Período:Tema	1999:Política	-2.02 (1.09)	0.70 (1.20)
Período:Tema	2000:Política	-0.45 (1.18)	1.86 (1.16)
Período:Tema	2001:Política	-3.36 (1.13)	1.25 (1.16)
Período:Tema	2002:Política	-2.00 (1.07)	2.14 (1.15)
Período:Tema	2003:Política	-1.04 (1.20)	1.46 (1.16)
Período:Tema	2004:Política	-1.45 (1.22)	0.70 (1.20)
Período:Tema	2005:Política	0.25 (1.37)	-0.36 (1.29)
Período:Tema	2006:Política	-1.49 (1.21)	-0.26 (1.25)
Período:Tema	2007:Política	-1.54 (1.22)	-0.11 (1.22)
Período:Tema	2008:Política	0.59 (1.28)	2.35 (1.29)
Período:Tema	2009:Política	0.47 (1.20)	0.66 (1.20)
Período:Tema	2010:Política	-0.31 (1.12)	0.33 (1.09)
Período:Tema	2011:Política	-2.00 (1.07)	0.21 (1.14)
Período:Tema	2012:Política	-1.43 (1.10)	1.32 (1.15)
Período:Tema	1998:Sociedade	-2.23 (1.44)	0.05 (1.61)
Período:Tema	1999:Sociedade	-0.68 (1.47)	1.23 (1.74)
Período:Tema	2000:Sociedade	0.00 (1.45)	1.92 (1.59)
Período:Tema	2001:Sociedade	-2.97 (1.43)	1.03 (1.59)
Período:Tema	2002:Sociedade	-1.98 (1.43)	1.31 (1.61)
Período:Tema	2003:Sociedade	-0.71 (1.48)	0.39 (1.65)
Período:Tema	2004:Sociedade	-1.42 (1.55)	0.36 (1.66)
Período:Tema	2005:Sociedade	0.27 (1.7)	-0.69 (1.81)
Período:Tema	2006:Sociedade	-2.13 (1.56)	0.00 (1.68)
Período:Tema	2007:Sociedade	-2.18 (1.51)	-0.33 (1.62)
Período:Tema	2008:Sociedade	-2.34 (1.47)	0.06 (1.57)
Período:Tema	2009:Sociedade	-1.04 (1.48)	-0.66 (1.60)
Período:Tema	2010:Sociedade	-1.73 (1.5)	1.05 (1.51)
Período:Tema	2011:Sociedade	-1.83 (1.37)	1.67 (1.52)
Período:Tema	2012:Sociedade	-2.17 (1.39)	1.05 (1.54)

Elaboração dos autores.

Obs.: Desvios-padrão entre parênteses.